

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CASA
9 e 27 de Abril de 2026

SOFT AND HARD (A SOFT CONVERSATION BETWEEN TWO FRIENDS ON A HARD
SUBJECT) / 1985

Um filme de Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville

Realização: Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville / Interpretação: Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville.

Produção: Channel 4 – JLG Films / Director de Produção: Tony Kirkhope / Beta/SP, cor e preto e branco, falado em francês com legendagem eletrónica em português / Duração: 48 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

SOFT AND HARD (A SOFT CONVERSATION BETWEEN TWO FRIENDS ON A HARD SUBJECT) é exibido juntamente com **JLG/JLG (1994, Jean-Luc Godard)**, cuja “folha” é distribuída em separado.

Soft and Hard é uma espécie de diálogo entre Godard e Anne-Marie Miéville, co-realizadora do filme. Temas: o cinema (vs a televisão), a criação artística, as relações amorosas – e o modo (é o filme que o manifesta) como todas estas coisas estão ligadas. **Soft and Hard** começa como se fosse um documentário sobre Godard e Miéville em casa, no tempo do lazer e do trabalho. Godard ao telefone, falando com produtores por causa do projecto de **King Lear**; Godard de raquete na mão, ensaiando jogadas de ténis; Miéville a passar a ferro, Miéville sentada à moviola. O comentário “off”, dito por Miéville, fala da importância de *dire l’usine*, “dizer a fábrica”: estas imagens dizem-na, mostrando o trabalho propriamente dito (ou seja, a actividade profissional), mas também a “fábrica” onde se processa o “trabalho do amor”, ou seja, o quotidiano produzido por (e produtor de) uma relação a dois. Essa *usine* é o tema central do filme, e associa, desde o primeiro momento, a criação artística e a (chamemos-lhe assim) criação amorosa, fundindo ambas numa só, fazendo uma partir da outra. Como se diz mais para a frente, quer o amor quer a arte tendem a procurar uma hipótese de redenção, a constituir uma espécie de refúgio do mundo, construída *a partir dele*. Estabelecida esta equivalência, **Soft and Hard** passa por ser uma das mais brilhantes (e tocantes) reformulações do tema do par, do *couple*, em toda a obra de Godard.

O número 2 comanda, portanto, **Soft and Hard**, e o filme, em concordância, assenta numa série de dicotomias essenciais. Dizer “*soft and hard*” é, neste contexto, dizer o fulcro da criação artística: “*a tentativa desesperada de criar o imperecível com coisas perecíveis*”, “*com palavras, sons, cores, de maneira a que o espaço assim ordenado dure para além do tempo*”. No fundo, uma espécie de elogio do concreto, de elogio da matéria e da textura rugosa de que o cinema tem, forçosamente, que partir. Ao mesmo tempo, o reconhecimento do *mistério* (conotações religiosas incluídas) da criação artística: o momento em que toda esta raiz concreta se transfigura para tocar outras dimensões, e para exprimir o que está para lá da matéria. Os fabulosos planos, na parte final de **Soft and Hard**, em que do genérico de **Le Mépris** passamos para as mãos de Godard e Miéville fazendo sombras na parede, estão lá para que nos apercebamos da magnificência desse mistério, e para que nos lembremos de que, apesar de tudo, ele se repete.

Apesar de tudo? Apesar do tom melancólico e mansamente apocalíptico que marca o Godard dos derradeiros quarenta anos, e a que **Soft and Hard** não escapa. E apesar da televisão, que assombra este filme de uma ponta a outra, como se fosse uma interferência – curtos planos de noticiários e programas televisivos vêm, abruptamente, intercalar-se entre as imagens da conversa de Godard e de Miéville. Para que nos lembremos, precisamente, que o cinema ainda é possível, *apesar de tudo*.

Luís Miguel Oliveira